

# À minha terra: leitura do sentimento nativista na poesia de Maia Ferreira e Gonçalves Dias

Júlio César Vieira<sup>1</sup>

---

**Resumo:** Neste trabalho, analisaremos as configurações do nativismo em dois poetas de língua portuguesa: o brasileiro Antônio Gonçalves Dias (1823-1864) e o angolano José da Silva Maia Ferreira (1827-1881). Contemporâneos entre si, ambos os poetas escrevem sob a égide do Romantismo e apresentam os temas comuns a este movimento literário. A leitura que propomos buscará compreender as aproximações e os distanciamentos possíveis da produção destes poetas com relação ao tratamento dado ao sentimento de nacionalidade, o qual se apresenta, principalmente em *Canção do exílio* e *À minha terra*, de Gonçalves Dias e Maia Ferreira, respectivamente.

**Palavras-Chave:** Literatura brasileira, Literatura Angolana, Nativismo, Maia Ferreira, Gonçalves Dias.

**Abstract:** In this paper, we analyze the settings of nativism in two Portuguese-speaking poets: Brazilian Antônio Gonçalves Dias (1823-1864) and Angolan José da Silva Maia Ferreira (1827-1881). Contemporary with each other, both poets write under the aegis of Romanticism and present the common themes of this literary movement. The reading we suggest you seek to understand the similarities and the possible distances of the production of these poets with respect to the treatment given to the feeling of nationality, which is presented mainly in “*Canção do exílio*” and “*A minha terra*”, by Maia Ferreira and Gonçalves Dias, respectively.

**Keywords:** Brazilian Literature, Angolan Literature, Nativism, Maia Ferreira, Gonçalves Dias.

---

<sup>1</sup>Doutorando em Literaturas de Língua Portuguesa - PUC Minas\Capes. Professor de Literatura e Língua Portuguesa - IFNMG - Campus Montes Claros.

Além de compartilhar a língua em que escreveram e o tempo em que viveram, Gonçalves Dias e Maia Ferreira elaboraram sua obra sob a égide do Romantismo, cuja estética é notável na produção de ambos os poetas, marcados pela subjetividade no tratamento de temas como o amor, a religião, a natureza e a pátria, os dois últimos mais intimamente relacionados à análise proposta.

Antes de abordarmos os aspectos formais e temáticos dos textos, é importante que se pense em um pequeno esboço da situação histórica de Angola e do Brasil e, conseqüentemente, da vida literária nos dois países. Enquanto o Brasil viveu, em 1822, a proclamação de sua independência; em Angola, a despeito das intenções de aproximação com o Brasil, manifestadas por setores coloniais descontentes com as limitações impostas pela metrópole, como o acesso dos filhos da terra a cargos administrativos, aumentava a repressão a qualquer possibilidade de separação em relação à metrópole ou adesão ao recém-criado Império Brasileiro.

Com a proclamação e o reconhecimento da independência do Brasil, as antes frutíferas relações entre este e Angola se viram destinadas ao esfriamento. Isso porque, no ato de reconhecimento da independência e com o intuito de restabelecer o mais breve possível as relações comerciais com Portugal, D. Pedro I prometeu nunca levar em consideração propostas de adesão ao império brasileiro oriundas de colônias portuguesas. As relações culturais entre os dois países, entretanto, se mantiveram ainda fortes, principalmente pela presença de diversas famílias angolanas em território brasileiro.

Há diferenças notáveis também com relação ao desenvolvimento da literatura nos dois países. No Brasil, caminhava-se rumo a uma “independência literária”. A história da literatura brasileira ganhava seu primeiro registro pelas mãos de Ferdinand Denis, com o lançamento de *Résumé de l’Histoire Littéraire du Brésil*, em que se reconhecia, ainda em constituição, a existência de uma literatura brasileira.

Em se tratando dos dois poetas aqui analisados, Alfredo Bosi afirma, em sua História concisa da literatura brasileira, que Gonçalves Dias “foi o primeiro poeta autêntico a emergir em nosso Romantismo” (BOSI, 2006, p. 104). O que dizer, então, de Maia Ferreira em relação à até então incipiente poesia angolana? “Espontaneidades da minha alma” foi a primeira obra publicada em língua portuguesa por um autor africano. Mesmo assim, o primeiro estudo crítico da obra se deu apenas em 1967, por Gerald Moser, da Universidade Estadual de Pensilvânia, que o encontrou na coleção de livros raros da New York Public Library. Pode-se afirmar, portanto, que, pensando com Antônio Cândido, em literatura como sistema, a obra de Maia Ferreira se definiria como pré-história da literatura angolana, uma vez que se deu uma “manifestação literária”, mas não havia ainda os indicadores da existência de uma “literatura propriamente dita” (CANDIDO, 2013, p.25).

O contato entre Maia Ferreira e o Brasil se dá ainda no contexto de afrouxamento de relações entre Brasil e Angola, à época da independência do Brasil. Seu pai mantinha segunda residência e negócios em Pernambuco, de onde vinham, provavelmente, os livros lidos pelo poeta. O poeta benguelense aporta pela primeira vez, no Rio de Janeiro, aos sete anos, acompanhando o pai, que precisara fugir de Angola com o fim da monarquia absoluta em Portugal. Por isso, Maia Ferreira foi educado no Brasil e frequentou os círculos literários aqui existentes. Em 1845, após a morte do pai, o poeta volta para Angola, a fim de seguir carreira na administração pública, com uma breve nova passagem pelo Brasil nos anos seguintes.

As Espontaneidades da minha alma datam de 1849, mesmo ano que aparece na datação do poema “A minha terra”, escrito no Rio de Janeiro. Apenas três anos antes, apareciam os Primeiros Cantos, de Gonçalves Dias, onde se encontra a “Canção do Exílio”. Nestes dois poemas - A minha terra e Canção do exílio - encontramos os traços definidores da abordagem que os poetas

mantêm em relação ao seu lugar de origem. A fim de perceber tais traços, procedamos a um breve comentário de ambos os poemas.

Vejam os poemas de Gonçalves Dias, a primeira das chamadas “Poesias Americanas”:

#### Canção do Exílio

Kennst du das Land, wo die Citronen blühen,  
Im dunkeln die Gold-Orangen glühen,  
Kennst du es wohl? - Dahin, dahin!  
Möcht ich... ziehn.

- Goethe

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas tem mais flores,  
Nossos bosques tem mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar - sozinho, à noite -  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;

Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá. Coimbra - Julho 1843.

Desde a epígrafe de Goethe, já se manifesta a intenção de apresentar um país maravilhoso. Neste célebre poema, talvez o mais conhecido de Gonçalves Dias, o eu lírico se encontra afastado de sua terra, à qual exalta em comparação à terra estrangeira. Em bem construídas e ritmadas redondilhas, a comparação é baseada na oposição dos advérbios “cá” e “lá”, e manifesta a superioridade dos aspectos naturais da pátria. Tal natureza exuberante é que proporciona uma vida mais plena de amores e prazeres. As marcas do romantismo a que anteriormente nos referimos são notadas, por exemplo, pelo evasãoismo, já que o eu lírico se refugia em sua terra ao “cismar – sozinho, à noite” e pela presença da religiosidade, na estrofe final em tom de oração “Não permita Deus que eu morra”.

Do poema de Maia Ferreira, por ser muito longo, tomaremos algumas partes significativas, as quais acreditamos servirem para perceber a referência ao poeta brasileiro e serem suficientes para a análise do tema em tela. A leitura do poema, que abre a obra de Maia Ferreira, remete imediatamente ao poema de Gonçalves Dias. Percebemos, logo na primeira estrofe, o aspecto de comparação entre a natureza de dois lugares:

No álbum do meu amigo João d'Aboim

.....  
Recevez donc mon hymne, ô mon pays natal,  
Et offrez-le de bom coeur à qui sut bien chanter  
La riante nature du beau Portugal  
(do autor)

Minha terra não tem os cristais  
Dessas fontes do só Portugal  
Minha terra não tem salgueirais,

Só tem ondas de branco areal.

Em seus campos não brota o jasmim,  
Não matiza de flores seus prados,  
Não tem rosas de fino carmim,  
Só tem montes de barro escarpados.  
(...)

Diferentemente do poema de Gonçalves Dias, o tom inicial do poema de Maia Ferreira é de humildade. A natureza a se exaltar é a da metrópole, Portugal, assim sua terra se define antes pelo que não tem, em oposição às belezas naturais lusitanas. Segundo Jacopo Corrado, o poema “resume perfeitamente o dilema dos assimilados, cuja formação cultural estritamente euro-brasileira tinha que ser adaptada à nova exigência de afirmar um sentimento de identificação com a terra natal africana.” (CORRADO, 2010). A relação com Gonçalves Dias neste trecho está, portanto, no fato de haver uma comparação, mas o tom de louvação à terra natal ainda se encontra apenas no poeta brasileiro.

Em outro ponto do poema, entretanto, o poeta parece ufanar-se de certos aspectos da natureza e da gente de sua terra, como se pode ver nos versos seguintes:

(...)  
Tem palmeiras de sombra copada  
Onde o Soba de tribo selvagem,  
Em c’ravana de gente cansada,  
Adormece sequioso de aragem.

Empinando alcantil dos desertos  
Lá se aninha sedento leão  
Em covis de espinhais entr’abertos,  
Onde altivo repousa no chão.

Nesses montes percorre afanoso,  
A zagaia com força vibrando,  
O africano guerreiro e famoso  
A seus pés a pantera prostrando (...)

Aqui a natureza assume um aspecto mais grandioso que, se ainda não é a natureza dócil e bela das fontes e salgueirais de Portugal, dá demonstrações de força pela copa das palmeiras, a nobreza do leão e a força do homem natural africano. A exaltação do nativo é outro dado comum entre os dois poetas. Se não o faz na “Canção do exílio”, Gonçalves Dias se voltará à idealização do nativo brasileiro em diversos outros poemas, entre os quais podemos citar o “Canto do Piaga”, o “Canto do Guerreiro”, o “Canto do Índio” etc.

Mais à frente, Maia Ferreira manifesta saudades de sua terra, com algo equivalente ao cismar do poeta brasileiro:

Mesmo assim rude, sem primores de arte,  
Nem da natura os mimos e belezas,  
Que em campos mil a mil vicejam sempre,  
É minha pátria!

Minha pátria por quem sinto saudades,  
Saudades tantas que o peito ralam,  
E com tão viva força qual sentiste,  
Quando no cume da Tijuca altiva  
Meditando escreveste em versos tristes,  
Versos que tanto amei, e que amo ainda,  
As saudades dos lares teus mimosos!  
É minha pátria ufanoso o digo!  
Deu-me o berço, e nela vi primeiro  
A luz do sol embora ardente e forte.  
Os meus dias de infância ali volveram  
No tempo ao coração mais primoroso,  
Nesses dias ditosos, em que apenas  
Ao mundo despertado, vi e ouvia

Por sobre os lábios meus roçarem beijos,  
Beijos de puro amor, nascidos de alma,  
De alma de Mãe mui carinhosa e bela!

Foi ali que por voz suave e santa  
Ouvi e cri em Deus! É minha pátria!

A declaração à pátria contida na primeira estrofe citada neste trecho lembra os versos de Alberto Caeiro, em “O guardador de rebanhos”: “O Tejo é mais belo que o rio que corre na minha aldeia, / Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre na minha aldeia / Porque o Tejo não é o rio que corre na minha aldeia”. Embora reconheça em tudo a superioridade da metrópole, ainda assim é para a pátria que se deseja voltar. Há também marcados neste trecho, verbos em segunda pessoa, dirigidos ao poeta que cantou, “no cume da Tijuca altiva”, as saudades de sua pátria, numa possível referência à “Canção do Exílio”. Vale lembrar que esta não seria uma citação isolada, uma vez que versos de Gonçalves Dias aparecem, inclusive, como epígrafe de um dos poemas de Maia Ferreira.

Por fim, o poeta angolano destaca o pertencimento de sua terra à nação portuguesa:

(...)  
Vi as belezas da terra,  
Da tua terra sem igual,  
Mirei tudo do que encerra  
O teu lindo Portugal;  
E se invejo a lindeza,  
Da tua terra a beleza,  
Também é bem portuguesa  
A minha terra natal.



Depois da exaltação das belezas da metrópole, Maia Ferreira enumera como uma característica positiva de sua terra o fato de pertencer a Portugal. Na introdução que escreveu para “Espontaneidades de minha alma”, Gerald Moser afirma que o poeta “tomando uma atitude tipicamente colonial ao orgulhar-se de ser um leal súdito português, respeitava os bons modelos literários e o governo ao qual servia” (MOSER, 1985, p. XXIX).

Aparentemente, o sentimento nativista expresso na poesia de Maia Ferreira está distante do que apresenta Gonçalves Dias, que talvez já se possa chamar “nacionalismo”. Machado de Assis afirma, em ensaio de 1873, que a primeira coisa a se reconhecer na literatura brasileira da época seria “certo instinto de nacionalidade” (ASSIS, 1994, p.01). Percebendo na literatura da época um prosseguimento da tradição de Gonçalves Dias e, neste, a continuação de Basílio da Gama e Santa Rita Durão. Quanto à poesia de Maia Ferreira, Jacopo Corrado afirma que

Por um lado, o poeta assume uma atitude tipicamente colonial, mostrando seu orgulho em ser um leal súdito português e pintando retratos de nativos em puro estilo cartão-postal; mas, por outro lado, ele foi o primeiro a desenvolver um novo regionalismo africano, abrindo o caminho para a criação da literatura Angolana moderna. (CORRADO, 2010)

O que se percebe na poesia de Maia Ferreira é o resultado de um longo processo de aculturação, ou assimilação cultural, por meio do qual se consolidava a dominação da metrópole sobre a colônia. Segundo Alfredo Bosi, “aculturar um povo se traduziria, afinal, em sujeitá-lo ou, no melhor dos casos, adaptá-lo tecnologicamente a um certo padrão tido como superior.” (BOSI, 1992, p.17). Sendo assim, explica-se o tom de humildade do poeta angolano diante da metrópole, cuja superioridade lhe foi inculcada no processo de colonização. Podemos afirmar, então, que a tradição literária brasileira que Machado de Assis percebe continuada em Gonçalves Dias, no caso da literatura angolana,

aparece apenas sua primeira manifestação, o que aponta para estágios diferentes das literaturas nacionais brasileira e angolana.

Não significa, todavia, que seja possível perceber em Gonçalves Dias uma completa independência literária. O mesmo Machado de Assis afirma que para esta não há “sete de setembro nem campo de Ipiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ela até perfazê-la de todo.” (ASSIS, 1994, p.01). Pouco tempo depois da estreia de Gonçalves Dias, segundo Bosi, Alexandre Herculano o saudava e o repreendia ao afirmar que o poeta tinha “muito de português no trato da língua e nas cadências garrettianas do lirismo” (BOSI, 2006, p. 105).

A afirmação do escritor português se apresenta significativa para a conclusão de nosso estudo. Se Maia Ferreira escrevia sua terra submetendo-a à beleza de Portugal, afirmando sua pátria, mas mantendo a metrópole como arquétipo; o poeta brasileiro traz a natureza de sua pátria, mas, ainda assim, não se revela completamente independente. No caso de Maia Ferreira, ainda persistia a dominação política e econômica, já na poesia de Gonçalves Dias, permanecia, apesar da independência política, o domínio cultural europeu, o modelo literário da metrópole, como afirma Manuel Bandeira, na “Evocação de Recife”, o “macaquear a sintaxe lusíada”. Os dois poetas acabam por não diferir, portanto, em sua condição de submissão ao modelo, seja estético ou político, da metrópole.

## Referências

ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade. In: *Obra completa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 14 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2013.

CORRADO, Jacopo. À procura das influências brasileiras na construção da cultura literária angolana: O caso José da Silva Maia Ferreira. Maringá: 4º CELLI - Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários, 2010.

Dias, Gonçalves. Primeiros Cantos. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=16654](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=16654) . Acesso em 21 jan. 2014.

ERVEDOSA, Carlos. Roteiro da literatura angolana. 3. ed. Luana: UEA, 1985.

FERREIRA, José da Silva Maia. Espontaneidades da minha alma. 3º Ed. União dos Escritores Angolanos, 1985.

JACOB. Sheila Ribeiro. De Mucandas e Súnguis, um texto de resistência: uma leitura do romance A casa velha das margens. Dissertação (mestrado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2012.

MOSER, Gerald. Introdução. In: FERREIRA, José da Silva Maia. Espontaneidades da minha alma. 3º Ed. União dos Escritores Angolanos, 1985.